

# O amigo de <sup>Henrique, Fernando</sup> Fernando Henrique

*Sociólogo e parceiro do presidente em um de seus livros, novo embaixador da França é um especialista em América Latina*

Marcos Savini  
Da equipe do Correio

Quando François Mitterrand, à frente dos socialistas, chegou ao poder em 1981, alguns diplomatas reagiram escandalizados. Houve até uns poucos pedidos de demissão no Quai D'Orsay, o Itamaraty da França. O espanto ficou ainda maior quando Mitterrand passou a convocar pessoas com pouca experiência para cargos importantes. O próprio Hubert Vedrine, atual ministro das Assuntos Exteriores francês, era então um jovem diplomata de esquerda no departamento de cooperação técnica.

Entre os eleitos de Mitterrand estava o sociólogo e cientista po-

lítico Alain Rouquié — que acaba de chegar em Brasília para assumir o cargo de embaixador francês no Brasil. Autor de uma tese sobre o governo militar na Argentina, ele já era, no início dos anos 80, um dos maiores especialistas em América Latina na França, e no mundo.

Foi convidado por Mitterrand para assumir a embaixada de El Salvador, em 1985. Antes disso, havia sido o diretor de pesquisa da Fundação Nacional de Ciências Políticas, por quase duas décadas.

El Salvador é pequeno. Mas, naqueles tempos conturbados, a visibilidade para um embaixador francês era grande. O país vivia seu pior momento de confrontos entre as tropas do governo com as guerrilhas de esquerda. Não

eram poucos os cidadãos franceses que delas participavam ou eram tomados como reféns.

Conhecedor da língua, da cultura e da história das lutas latino-americanas, Rouquié trabalhava ao mesmo tempo como um negociador, tirando pessoas da cadeia, e como um analista preciso e imparcial da situação do país que expunha nos relatórios dirigidos ao Ministério dos Assuntos Estrangeiros.

Ganhou credibilidade junto aos guerrilheiros, aos governantes salvadorenhos e também no meio diplomático francês — que a princípio também havia se escandalizado por ver um acadêmico assumir um cargo de tamanho destaque (na tradição francesa, apenas um em cada dez embaixadores não é diplomata de carreira).

Em 1989, assumiu a embaixada do México, até 1992. Voltou para Paris para dirigir o Departamento das Américas até 1996, quando foi nomeado embaixador em Adis-

Abeba, capital da Etiópia. Nos últimos dois anos, seu nome estava sendo cogitado para a embaixada francesa em Buenos Aires — onde não são poucas as pessoas que, hoje em cargos importantes, formaram-se lendo os livros de Rouquié sobre a história argentina.

Os amigos no Brasil também são muitos, a começar por Fernando Henrique Cardoso, com quem trabalhou em Paris, nos tempos de exílio político do presidente, e também no Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). Juntos, escreveram o livro *O Novo Socialismo Francês e a América Latina*.

Enquanto espera receber, do amigo Fernando Henrique, as credenciais de embaixador, Rouquié já recebe convites para seminários acadêmicos — inclusive na Universidade de Brasília. Uma de suas primeiras tarefas como diplomata, no final de março, será acompanhar a visita do comissário de Comércio da União Européia, o também francês Pascal Lamy.

ARTIGO

## ROUQUIÉ, DIPLOMATA E ACADÊMICO

Carlos Henrique Cardim

*Destacado latino-americano e especialista em política comparada, Alain Rouquié, o novo embaixador da França em Brasília, é, igualmente, um estimado amigo do Brasil. Ele é co-autor de obras em parceria com Bolívar Lamounier Como Renascem as Democracias e Fernando Henrique Cardoso O Novo Socialismo Francês e a América Latina, e tem livros publicados em português, como por exemplo o ensaio O Extremo-Ocidente: Introdução à América Latina, editado pela editora da Universidade de São Paulo.*

*Rouquié foi Diretor de Pesquisa da Fundação Nacional de Ciência Política, a famosa Science Po. de Paris, um dos mais importantes centros de formação e estudos no campo das Ciências Sociais no mundo. Após frutífera carreira acadêmica, dedicou-se, com idêntica competência, ao mundo da diplomacia, tendo já atuado como Embaixador em El Salvador, México e Etiópia. No período de 1992-1996, foi Diretor do Departamento das Américas na Chancelaria francesa.*

*Merece destaque, em suas reflexões, a constante preocupação com a questão da democracia no cenário con-*

*temporâneo. Discute, em vários textos, a hipótese de Alexis de Tocqueville, segundo a qual "a organização e o estabelecimento da democracia...constituem o grande problema político de nosso tempo".*

*Sua análise é sempre enriquecida pela perspectiva comparativa, ecoando o ensinamento de Seymour Martin Lipset de que "aquele que só conhece um sistema político nada conhece". É necessário comparar, para ver com maior clareza os contornos e identificar as especificidades.*

*Uma dimensão relevante da atuação de Rouquié nas relações internacionais é a sua ativa e decisiva participação na implantação e no desenvolvimento do Instituto de Relações Europa — América Latina (IRELA), entidade com sede em Madri, e que hoje é um dos principais atores no intercâmbio entre as duas regiões. A presença de Rouquié, à frente da Embaixada francesa, sem dúvida, é um aporte de valor na atual fase das relações entre Brasil e França.*

■ Carlos Henrique Cardim é professor do Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade de Brasília e diretor do Centro de Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência e Tecnologia